

Expansão da temática relações raciais no banco de dados de teses e dissertações da Capes^I

Amélia Artes^{II}
Jesús Mena-Chalco^{III}

Resumo

Nas últimas décadas observa-se uma ampliação das taxas de acesso à pós-graduação no Brasil. A caracterização do público que frequenta e finaliza essa etapa de escolarização tem sido objeto de um conjunto variado de projetos de pesquisa e publicações. Os estudos sobre a temática das relações raciais nesse universo podem ser analisados, dentre outras possibilidades, a partir da autoria de trabalhos por pós-graduandos negros ou como temática de estudo nas dissertações e teses produzidas. Neste trabalho, analisamos a evolução dos estudos sobre relações raciais considerando como fonte de dados os trabalhos de mestrado e doutorado defendidos nas instituições brasileiras e registradas no banco de teses e dissertações da Capes. Por meio da definição de 191 descritores, caracterizamos informações dos registros das teses e dissertações no período de 25 anos (1987-2011). Ao todo foram identificados 4.204 trabalhos sobre a temática, defendidos em oitocentos programas de pós-graduação de 161 universidades ou instituições de pesquisa. Existem evidências claras de que o crescimento na quantidade de teses e dissertações sobre relações é maior quando comparado à média de trabalhos defendidos no mesmo período, mostrando assim um crescente interesse sobre a temática, que pode estar associado à ampliação do acesso de negros ao ensino superior e, de forma ainda mais restrita, aos programas de pós-graduação. Outro aspecto importante explorado neste trabalho é que as mulheres são maioria nas produções identificadas na temática das relações raciais no Brasil.

I- A concepção deste trabalho teve a participação valiosa da Prof^a. Dra. Fúlvia Rosemberg, falecida em setembro de 2014 e a quem dedicamos a publicação.

II- Fundação Carlos Chagas / Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
Contato: aartes@fcc.org.br

III- Universidade Federal do ABC, Santo André, SP, Brasil.
Contato: jesus.mena@ufabc.edu.br

Palavras-chave

Relações raciais – Mapeamento – Pós-graduação – Teses e dissertações – Capes.

Expansion of racial relations as a topic in Capes database of theses and dissertations^I

Amélia Artes^{II}

Jesús Mena-Chalco^{III}

Abstract

Over the last decades, there is an expansion of the access to graduate studies in Brazil. Characterizing those who attend and complete this stage of schooling has been the object of a varied set of research projects and publications. Studies on racial relations in this field can be analyzed, among several possibilities, by looking at the authorship of papers by Black students or as the topic being addressed in the theses and dissertations that have been written. In this paper, we analyze the evolution of the studies on racial relations taking as our data source the M.A. and PhD works submitted to Brazilian institutions with a record in the Capes theses and dissertations database. By defining 191 descriptors, we have characterized information from the records of dissertations and theses in a span of 25 years (1987-2011). In whole, 4,204 works were found about this topic, submitted to 800 graduate programs from 161 universities or research institutes. There is clear evidence that the growth in the amount of dissertations and theses dealing with racial relations is higher if compared to the average of works submitted in the same period, which shows an increasing interest on this theme that may be associated with the expansion of access of Black people to higher education and, even more restrictedly, to the graduate studies programs. Another key aspect we explored in this paper is the fact that there are more women than men in the productions identified in the theme of racial relations in Brazil.

Keywords

Racial relations - Mapping - Graduate studies - Theses and dissertations - CAPES.

I- Conceiving this paper has had the valuable contribution by Prof Fúlvia Rosemberg, PhD, who died in September, 2014 and to whom we dedicate this work.

II- Fundação Carlos Chagas / Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
Contact: aartes@fcc.org.br

III- Universidade Federal do ABC, Santo André, SP, Brasil.
Contact: jesus.mena@ufabc.edu.br

Ampliação da pós-graduação no Brasil

A expansão da pós-graduação no Brasil nas últimas décadas é uma realidade descrita por vários autores (RAMOS; VELHO, 2011; MELO; LASTRES; MARQUES, 2004; CGEE, 2010). Dentre os principais documentos que descrevem essa ampliação estão os Planos Nacionais de Pós-Graduação (PNPG). A análise dos sucessivos planos é de fundamental importância para a compreensão da estrutura e do desenho atual da pós-graduação. De forma sucinta, os seis planos já elaborados, do primeiro em 1975 ao atual com vigência até 2020, propuseram um conjunto de demandas específicas para a formação de docentes e pesquisadores de alta qualificação.

Os cinco planos nacionais anteriores ao atual cobrem um período de 35 anos de expansão e consolidação de um Sistema Nacional de Pós-Graduação, entendido como fator estratégico no desenvolvimento social, político, econômico, cultural e tecnológico da sociedade brasileira. O plano em vigor apresenta um panorama geral e atual da pós-graduação no Brasil indicando que em 2009 eram:

[...] 2.719 programas em atividade responsáveis por 4.101 cursos, sendo: 2.436 de mestrado (59,4%); 1.422 de doutorado (34,7%) e 243 de mestrado profissional (5,9%). Havia 57.270 docentes e 161.117 estudantes matriculados no final de 2009, sendo destes 103.194 alunos de mestrado e mestrado profissionalizante e 57.923 alunos de doutorado. (BRASIL, 2010, p. 45).

Ramos e Velho (2011) relacionam a expansão da pós-graduação com a formação de recursos humanos em ciência e tecnologia. Segundo as autoras:

O Brasil realizou investimentos continuados e consideráveis na formação de recursos humanos em ciência e tecnologia nos últimos quarenta anos. Sustentado nos

Planos Nacionais de Pós-Graduação (PNPG), o processo de expansão da pós-graduação resultou de planejamento e financiamento estatal, tendo as universidades públicas como base institucional. Como resultado, os cerca de 800 cursos de mestrado e doutorado da década de 1970 cresceram para quase 3.700 em 2008. Esses programas formaram, em 2008 apenas, 33.360 mestres e 10.711 doutores, com um contingente de estudantes em torno de 140 mil. (RAMOS; VELHO, 2011, p. 942).

Assim, uma medida da expansão da pós-graduação pode ser construída a partir da ampliação no número de teses e dissertações defendidas em Instituições de Ensino Superior (IES) nas últimas décadas. Um breve relato sobre a história da pós-graduação se faz necessário para contextualizar essa produção.

A pós-graduação no Brasil inicia-se em 1931, com a publicação do Decreto nº 19.851, no qual o então ministro da Educação, Francisco Campos, determinava: “investigação científica em quaisquer domínios dos conhecimentos humanos (art. 1º) como finalidade do ensino universitário” (CURY, 2005, p. 7). Instituíram-se, assim, os cursos de aperfeiçoamento e de especialização visando à ampliação do conhecimento nos campos profissional e científico. Nos anos seguintes, vários cursos de pós-graduação foram organizados, dentre esses o doutorado na Universidade de Minas, atual Universidade Federal de Minas Gerais (anos de 1930) e os que surgiram com a criação da Universidade de São Paulo (1941).

Enquanto os cursos de graduação no Brasil ocorrem predominantemente em instituições privadas de ensino, conforme amplamente discutido na literatura (VONBUN; MENDONÇA, 2012; DOURADO, 2005; CARVALHO, 2002; CORBUCCI, 2002), a pós-graduação se desenvolveu majoritariamente em universidades públicas, tendo o Estado Brasileiro um papel central tanto na sua organização como na sua normatização. Isso se traduz em múltiplos indicadores: os sistemas

de autorização e credenciamento de cursos e o financiamento, por meio da concessão de bolsas e de recursos ao fomento de pesquisas, o que coloca as esferas governamentais como atores importantes e centrais na ampliação e consolidação do sistema de pós-graduação brasileiro.

A distribuição desigual de cursos e programas nas diferentes regiões geográficas brasileiras é ressaltada desde o primeiro PNPG: as regiões Sudeste e Sul são apresentadas como as mais desenvolvidas e a Norte e Nordeste, as mais carentes. Apesar dessa constatação, é somente no quinto plano (2005-2010) que se apresentam propostas concretas de políticas de indução para alteração dessas desigualdades. Apesar dos avanços observados na expansão da pós-graduação nas regiões Norte e Nordeste, as assimetrias regionais persistem, mantendo-se como um desafio a ser enfrentado para a consolidação de um sistema nacional integrado de pós-graduação. Segundo Santos e Azevedo (2009), em 2008, 61,1% dos programas de mestrado e doutorado eram oferecidos na região Sudeste. Dados do PNPG 2005-2010 indicam que em 1996 a concentração na região Sudeste chegava a 83,2% de cursos de doutorado, caindo para 66,6%, em 2004 (BRASIL, 2004, p. 32).

A Tabela 1 apresenta informações sobre o crescimento de titulados por região. Apesar dos esforços de agências governamentais em descentralizar os programas, as taxas de crescimento do Nordeste correspondem a apenas 12,3% dos programas e cursos de pós-graduação em 2008, apesar de uma taxa de variação no período (1996 a 2008) maior do que 2.000%.

Tabela 1 – Crescimento de pessoas tituladas por região. Período 1996-2008

Região	Varição %
Norte	438
Nordeste	2.487
Sudeste	198
Sul	682
Centro-Oeste	840

Fonte: CGEE 2010. Tabela 2.2.3, p. 96.

Por outro lado, a ampliação da pós-graduação demandou um maior aporte de recursos públicos na área. Segundo dados do Ministério de Ciência e Tecnologia, em 2003, o investimento público foi da ordem de 11 bilhões de reais, representando 0,65% do PIB. Em 2008, o valor de 22,6 bilhões representou 0,78% do PIB. Segundo Velho (2007), o desafio ainda é grande, pois o Brasil produz um doutor para cada 28 mil habitantes, sendo que em países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) a relação é de um doutor para 5 mil habitantes.

A história da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) merece também uma atenção especial na construção do contexto desse estudo. Criada em 1951, por meio do Decreto nº 29.741, sob o comando de Anísio Teixeira, caracterizou-se inicialmente como uma “campanha” direcionada a agilizar o atendimento de demandas consideradas prioritárias em um país em incipiente processo de industrialização, que necessitava formar pessoal especializado e pesquisadores em diferentes ramos de atividade. Já em 1953, eram distribuídas bolsas para estudo no país e no exterior. Um novo decreto, publicado em 1961, ampliou as funções da Capes, que passou a influenciar, agir e intervir nas instituições de ensino superior com vistas à melhoria das condições de ensino e pesquisa nos diferentes centros universitários (MENDONÇA, 2003).

Nas décadas seguintes, a ampliação dos recursos para a distribuição de bolsas e as políticas indutoras da Capes tiveram por pressuposto a crença de que os investimentos na pós-graduação eram a melhor estratégia para a melhoria da qualidade nas universidades brasileiras e, por conseguinte, para a adequação às demandas de desenvolvimento econômico e tecnológico que garantiriam o crescimento do país e sua gradual inserção internacional.

A Capes, vinculada ao MEC, passa a ter personalidade jurídica de fundação pública em 1992, após uma tentativa de extingui-la no governo de Fernando Collor de Melo (1990

a 1992). Uma ampla mobilização no meio acadêmico e científico conseguiu, em menos de um mês, não só reverter o quadro de extinção como fortalecer a instituição. Nos últimos anos, a atuação da Capes tem se concentrado na concessão de bolsas de estudo e pesquisa no país e no exterior e nos processos de avaliação dos programas de pós-graduação.

Especificamente o Banco de Teses e Dissertações da Capes, material utilizado neste estudo, foi disponibilizado digitalmente pela instituição em 2002, com referências bibliográficas¹ e resumos das teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação do país, tendo por objetivo facilitar o acesso às informações das produções intelectuais. A veracidade e envio das informações disponibilizadas é de responsabilidade dos programas de pós-graduação. Em primeiro esforço da equipe de informática da Capes, foram disponibilizados mais de 125 mil resumos de dissertações e teses defendidas entre 1996 e 2001. Posteriormente a base foi complementada com informações de trabalhos defendidos desde 1987 (SOUZA, 2010).

Totalizando em setembro de 2012 mais de 607 mil publicações, o banco de teses e dissertações na Capes é um material privilegiado para o estudo da inserção de temáticas variadas na pós-graduação e na ciência brasileira. O tema central desse estudo, relações raciais, é analisado considerando as teses e dissertações que foram defendidas entre 1987 e 2011, conforme descrito a seguir.

Relações raciais e gênero na pós-graduação

As discussões sobre relações raciais e gênero nas produções acadêmicas podem ser analisadas a partir de dois recortes: como temáticas de pesquisa ou a partir do sexo e/ou cor/raça dos autores. Além

¹- A partir de 2013, as informações disponibilizadas são: nome do autor, título do trabalho, data da defesa, número de páginas, instituição de vínculo, orientador, banca examinadora, palavras-chave, agência financiadora, área de conhecimento, áreas afins e linha(s) de pesquisa.

disso, é importante considerar que as temáticas de relações raciais e gênero apresentam inserções em tempos sociais diferenciados: primeiro nas discussões sobre a presença ou não de mulheres no meio acadêmico e somente mais recentemente nas ausências e invisibilidade dos negros nesses espaços. Considerando o acesso ao ensino superior como uma etapa preliminar e determinante para a inserção no mundo acadêmico e científico, as mulheres ingressaram em universidades brasileiras nos anos 1910: “e, portanto, ainda estão consolidando sua contribuição na área acadêmica” (SAITOVICH, 2006). No caso dos negros, o acesso ao ensino superior tornou-se mais intenso a partir dos anos de 1980 (ROSEMBERG, 2010).

Aspecto importante, principalmente para os negros, é a questão da visibilidade do grupo em diferentes espaços sociais e também nas estatísticas públicas produzidas. Paixão e Rossetto Giaccherino (2011) discutem como o quesito cor/raça é apresentado em diferentes fontes de dados estatísticos, apresentando problemas como os de terminologia e ou a subnotificação de dados. Para o autor, a maior visibilidade estatística dos negros é resultado das lutas empreendidas pelo movimento negro desde os anos de 1980:

Desta maneira, os avanços observados, tanto em termos da ampliação da quantidade de bases de dados estatísticos no Brasil, que contém a variável cor ou raça, como o paulatino aumento do percentual dos que se declararam ou pardos, ou pretos - especialmente no Censo Demográfico e na PNAD -; reflete que de alguma forma talvez a luta pela visibilidade estatística tenha sido uma das frentes de luta mais bem-sucedida por parte do movimento negro brasileiro contemporâneo nos últimos anos. (PAIXÃO; ROSSETTO GIACCHERINO, 2011, p. 27).

Segundo Figueiredo e Grosfoguel (2007, p. 36), “os estudos das relações raciais no Brasil constituem o objeto de conhecimento historicamente produzido por acadêmicos

brancos cuja epistemologia baseia-se no estudo sobre negros”.

Os estudos sobre negros no Brasil datam do início do século XX com as obras de Gilberto Freyre, Arthur Ramos e Florestan Fernandes, entre outros. Uma questão importante apresentada por Claudia Miranda, Francisco Aguiar e Maria Clara Di Piero (2004), em levantamento bibliográfico sobre a temática relações raciais e educação, organizado pelo Laboratório de Políticas Públicas da UERJ, em parceria com a Ação Educativa, é o momento em que o campo educacional passa a se preocupar com as questões raciais como tema de pesquisa. Essa preocupação pode ser entendida a partir de diferentes motivações: demanda do movimento negro, inserção de negros e negras na graduação e pós-graduação, entre outros.

A primeira dissertação de mestrado sobre relações étnico-raciais foi defendida em 1945, por Virgínia Leone Bicudo, na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, com o título *Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. Segundo Santos, Schucman e Martins (2012):

A autora conclui que existe preconceito de cor, à medida que o negro ascende socialmente. A rejeição por causa da cor traumatiza e faz com que o negro adquira consciência de cor, e o aumento dessa consciência eleva o esforço de superação do sentimento de inferioridade e a busca por instrução e posições de maior destaque (SANTOS; SCHUCMAN; MARTINS, 2012, p. 170).

Nos anos de 1950, a Unesco financiou uma série de pesquisas sobre as relações raciais no Brasil. O objetivo principal era entender as experiências “bem-sucedidas” de acomodação das diferenças raciais no Brasil (SANTOS; SCHUCMAN; MARTINS, 2012). Dentre as conclusões do estudo da Unesco, Maio (1999) ressalta:

Na esperança de encontrar a chave para a superação das mazelas raciais vividas em diversos contextos internacionais, a

agência intergovernamental teria acabado por se ver diante de um conjunto de dados sistematizados sobre a existência do preconceito e da discriminação racial no Brasil (MAIO, 1999, p. 151).

Uma importante referência na temática das relações raciais é o estudo de Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle e Silva nos anos 1980 que, pioneiramente, analisou bases de dados no recorte cor/raça, indicando que as desigualdades observadas entre brancos e negros não se limitavam a questões socioeconômicas, devendo também ser associadas à estrutura social e histórica brasileira (MIRANDA; AGUIAR; DI PIERO, 2004).

Entre o final de 1980 a início dos anos 1990, as questões raciais passaram a ocupar um espaço mais definido nas pesquisas sociais, coincidindo com a ampliação e consolidação dos programas de pós-graduação. Em 1986, a Fundação Carlos Chagas organizou um primeiro evento de balanço da produção teórica sobre o tema raça, negro e educação (MIRANDA; AGUIAR; DI PIERO, 2004).

Para o entendimento da ampliação da participação de negros na pós-graduação, é fundamental contextualizar as políticas diferenciadoras que permitiram, a partir do ano de 2003², um acesso mais equitativo de grupos sub-representados (negros e indígenas) nos cursos de graduação. As ações afirmativas, inicialmente propostas em algumas universidades estaduais, por meio da modalidade cotas e posteriormente complementadas com o Prouni e Fies³

2 - As primeiras experiências de ação afirmativa para o acesso a cursos de graduação foram desenvolvidas na UERJ, 2003; UNB, 2004; UEBA, 2004.

3 - O Programa Universidade para Todos (Prouni) é um programa do Ministério da Educação, criado pelo Governo Federal em 2004, que concede *bolsas de estudo integrais e parciais (50%) em instituições privadas de ensino superior*, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros, sem diploma de nível superior. http://siteprouni.mec.gov.br/tire_suas_duvidas.php#conhecendo. O Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) é um programa do Ministério da Educação destinado a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em cursos superiores não gratuitos na forma da Lei 10.260/2001. Podem recorrer ao financiamento os estudantes matriculados em cursos superiores que tenham avaliação positiva

ampliaram a presença de negros nos cursos de graduação, condição para o acesso à pós-graduação (PAIXÃO, 2010; MOEHLECKE, 2002; SILVERIO, 2002). As discussões suscitadas pela institucionalização do ingresso diferenciado de negros no ensino superior consolidaram-se na academia e alcançaram a pós-graduação. Nos últimos anos algumas universidades já implementaram cotas nos processos seletivos para ingresso na pós-graduação (CERQUEIRA; ROBERTO, 2014). Experiências inovadoras foram desenvolvidas anteriormente (entre os anos de 2000 e 2010) e auxiliaram no acesso de negros e indígenas ao concorrido e valorizado espaço da pós-graduação brasileira: o Concurso Negros e Educação, organizado pela Ação Educativa e ANPEd (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação) que financiou projetos na graduação e pós-graduação entre 1994 e 2006; e o Programa Bolsa, gerenciado pela Fundação Carlos Chagas, que entre os anos de 2001 e 2012, acompanhou oito turmas de bolsistas em programas de mestrado e doutorado no país. Ambos os projetos financiados com recursos da Fundação Ford. Se o número de beneficiários desses programas, aparentemente, tem um impacto pouco significativo do ponto de vista quantitativo, esses programas foram fundamentais na explicitação da pouca presença de negros e indígenas nestes espaços de saberes, na ampliação das temáticas estudadas na graduação e na pós-graduação e na inserção de pesquisadores negros em grupos de pesquisa, núcleos de estudo e/ou como docentes em instituições de ensino superior.

Um aspecto importante para a compreensão do quadro de desigualdades raciais no acesso aos bens sociais é a disponibilização de

nos processos conduzidos pelo Ministério da Educação e que tenham diploma de nível superior em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros, sem diploma de nível superior. Disponível em: http://siteprouni.mec.gov.br/tire_suas_duvidas.php#conhecendo. Acesso em: 17 mar. 2016.

informações quantitativas desagregadas por um conjunto de características sociodemográficas. A necessidade de que todo órgão nacional produtor de estatísticas apresente seus dados desagregados por sexo e cor/raça, já está posta desde a participação brasileira na Conferência de Durban (2001) e no Relatório do Governo Brasileiro à Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW – 2002) (SILVA, 2008).

Um grande conjunto de informações quantitativas sobre a produção da pós-graduação brasileira pode ser obtido a partir da exploração das informações disponibilizadas pela ferramenta de geoprocessamento disponibilizada pela Capes, GeoCapes (<http://geocapes.capes.gov.br>), que apresenta informações de caracterização do perfil de bolsistas por região geográfica, unidades da federação e municípios, desagregados por tipos de bolsa e recursos financeiros disponibilizados no país e no exterior. Porém, a caracterização dos dados disponíveis na base limita-se, assim como no descritivo nos planos nacionais de pós-graduação, às assimetrias regionais.

Para a caracterização por sexo e cor/raça do público que acessa e finaliza a pós-graduação, este estudo é complementado com informações dos Censos Demográficos de 2000 e 2010, organizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Considerando o aspecto de produção acadêmica, nos recortes de sexo e cor/raça na pós-graduação brasileira, a literatura tem indicado uma ampliação na produção e participação das mulheres e de negros (ARTES, 2013; ROSEMBERG; MADSEN, 2011; PAIXÃO, 2010). A Tabela 2 apresenta o perfil dos estudantes de pós-graduação por sexo e cor/raça, e o Gráfico 1, as taxas de crescimento de homens e mulheres e brancos e negros como titulados na pós-graduação no período de 2000 a 2010 extraídos dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (IBGE).

Tabela 2 – Perfil dos estudantes de pós-graduação entre os Censos Demográficos de 2000 e 2010 por variáveis selecionadas

Variáveis	Frequência à pós-graduação				Variação %	Geral na população		
	2000		2010			2000	2010	Variação %
Sexo	N	%	N	%				
Homem	78.015	48,0	118.793	46,5	52,3	83.602.317	93.406.634	11,7
Mulher	84.496	52,0	136.441	53,5	61,5	86.270.527	97.348.530	12,8
Total	162.511	100,0	255.234	100,0	57,1	169.872.844	190.755.164	12,3
Cor/raça								
Branca	137.003	84,3	186.918	73,2	36,4	91.298.042	90.621.075	-0,7
Negra*	21.567	13,3	63.546	24,8	194,6	75.872.417	97.171.184	28,1
Amarela	2.838	1,7	4.319	1,7	52,2	761.583	2.105.353	176,4
Indígena	319	0,2	452	0,2	41,7	734.127	821.501	11,9
Total	162.512	100,0	255.235	100,0	57,1	169.872.844	190.755.164	12,3

Fonte: Microdados censo demográfico 2000 e 2010 – IBGE.

*Negra: soma de pretos e pardos.

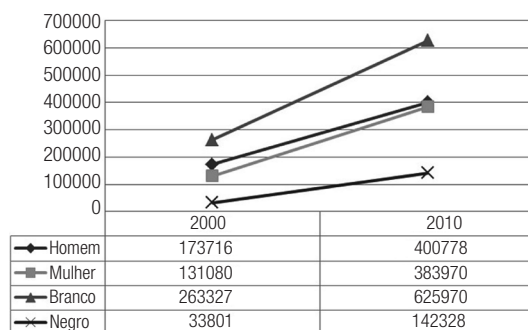
A comparação dos resultados com o *geral na população* permite avaliar se as alterações nos grupos se devem a fatores demográficos ou se são resultado de mudanças no perfil dos alunos. Enquanto a população brasileira cresceu 12,3%, o número de alunos na pós-graduação apresentou um aumento de 57,1%.

As mulheres, que já eram maioria em 2000 nos cursos de pós-graduação, ampliaram um pouco sua presença: enquanto o crescimento da participação de alunos do sexo masculino no período foi da ordem de 52,3%, para os do sexo feminino o índice chega a 61,5%.

A mudança observada na participação de negros se mostra bem mais significativa, com uma variação de 194,6% no período analisado. As desigualdades de acesso à pós-graduação podem ser avaliadas considerando que os negros representam apenas 24,8% do universo de estudantes de pós-graduação, frente a uma representação de 50,9% na população geral (ARTES, 2015).

O quadro de estudantes pode ser complementado por informações sobre o universo de titulados. Vale ressaltar que o grupo de titulados engloba o somatório

dos respondentes dos censos demográficos, independente da época de titulação. Portanto, como o acesso a pós-graduação para negros é mais recente, é esperada uma menor representação neste grupo.

Gráfico 1 – Variação de pessoas tituladas na pós-graduação por sexo e cor/raça entre os censos demográficos de 2000 e 2010.

Fonte: elaborado pelos autores.

A variação de titulados para o período é de 157,5%, tendo as taxas de titulação para as mulheres uma ampliação de 192,9%⁴ frente a 130,7% para os homens. A maior

⁴ Cálculo: $383.970 - 131.080 / 131.080 = 192,9\%$

ampliação é observada para os negros, com um crescimento de 321,1%, contra 137,7% para os brancos. Uma primeira leitura dos dados pode dar a impressão de uma maior participação dos negros no grupo de titulados, no entanto, esta se desfaz ao se considerar que os negros representam 44,6% da população brasileira em 2000 e têm uma participação de apenas 11,0% no conjunto de titulados, índice que chega a 18,1% em 2010. Evidencia-se que para cada negro titulado na pós-graduação são encontrados quatro brancos (ARTES, 2015).

Frete à impossibilidade de se obter a caracterização por cor/raça dos autores de dissertações e teses a partir da base de dados da Capes⁵, optou-se por caracterizar o universo das pesquisas na temática “relações raciais” a partir das teses e dissertações defendidas em programas brasileiros de pós-graduação nos últimos 25 anos, isto é, no período entre 1987 e 2011. Houve uma ampliação na quantidade de produções na temática? Em que áreas de conhecimento? Com uma maior ou menor presença de mulheres como autoras? Nas seguintes seções descreve-se o conjunto de dados e a metodologia adotada para a caracterização das teses e dissertações registradas na base de dados da Capes.

Conjunto de dados da pesquisa

O conjunto de dados utilizado neste trabalho corresponde aos registros de trabalhos extraídos do banco de teses e dissertações da Capes (BTD, <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>). Em setembro de 2012, foram coletados computacionalmente do site do BTD 607.389 registros (MENA-CHALCO; ROCHA, 2014). Cada registro contém informações de catalogação bibliográfica de

5- A inserção do quesito cor/raça nos formulários da Capes, e em especial na Plataforma Lattes do CNPq, ocorreu a partir de abril de 2013. A informação é solicitada no momento em que os pesquisadores atualizam suas informações no Currículo Lattes. Este conjunto de informações não é disponibilizado publicamente para pesquisadores interessados.

uma tese ou dissertação, como, por exemplo, nome do aluno, título do trabalho, número de páginas, resumo, palavras-chave, áreas do conhecimento do trabalho, instituição acadêmica, nome(s) do(s) orientador(es), nomes dos membros da banca e da agência financiadora da bolsa. Os registros disponíveis correspondem a trabalhos defendidos entre 1987 e 2011.

Todos os registros foram armazenados e discretizados em um banco de dados relacional local. Dessa forma, é possível automatizar consultas complexas nas informações dos trabalhos defendidos tanto no mestrado como no doutorado. É importante destacar que, devido ao processamento computacional alguns registros de trabalhos poderiam não ter sido coletados de forma completa. Entretanto, considera-se que, mesmo com essa possibilidade, os resultados aqui descritos apresentam uma boa aproximação da realidade exposta no conjunto de dados. Ao todo, o conjunto de teses considerado contém registro de 310 universidades e 3.095 programas de pós-graduação.

Identificação das teses e dissertações

Nesta pesquisa, ao todo, foram definidos 191 descritores (i.e., palavras-chave ou atributos) que foram considerados para procurar teses e dissertações relacionados com a temática de relações raciais. Um descritor é um atributo utilizado para caracterizar um trabalho baseado nas informações registradas no título da dissertação ou tese, resumo, palavras-chave, área de conhecimento, áreas afins e linha(s) de pesquisa.

Com base nesse entendimento e com a leitura dos resumos dos trabalhos defendidos, refinaram-se e identificaram-se descritores com variações em grau e sexo (masculino e feminino). Os descritores são listados a seguir:

Quadro 1- Descritores com variações em grau e sexo (masculino e feminino)

adolescente negro, adolescentes negros, afirmação do negro, afirmação negra, africanidade, afro-brasil, afro-brasileira, afro-brasileiras, afro-brasileiro, afro-brasileiros, afrodescendente, afrodescendentes, aluna negra, alunas negras, aluno negro, alunos negros, ativista negra, ativista negro, brancos e negros, categoria negro, comunidade afro-brasileira, comunidade negra, comunidades afro-brasileiras, comunidades negras, consciência negra, contra o negro, cor, cor negra, cor preta, criança negra, crianças negras, cultura negra, culturais negras, culturas negras, descendente de povo africano, descendentes de povos africanos, desigualdade racial, desigualdades raciais, discriminação racial, discriminações raciais, entidade negra, entidades negras, escrava negra, escravas negras, escravo negro, escravos negros, estudante negra, estudante negro, estudantes negras, estudantes negros, etnia, etnia negra, etnias, etnias negras, étnica, étnicas, etnicidade, etnicidades, étnico, étnico raciais, étnico racial, étnico-raciais, étnico-racial, étnicos, etnográfica, etnográficas, etnográfico, etnográficos, família negra, famílias negras, fator racial, fatores raciais, grupo de negras, grupo de negros, grupo negro, habitante negro, habitantes negros, homem de cor, homem negro, homem preto, homens de cor, homens negros, homens pretos, iconografia do negro, identidade do negro, identidade dos negros, identidade negra, identidades dos negros, identidades negras, imagem do negro, indivíduo negro, indivíduos negros, indivíduos pretos, irmandade de negros, irmandade negra, irmandades de homens negros, irmandades de homens pretos, irmandades de mulheres negras, irmandades de mulheres pretas, irmandades de negras, irmandades negras, irmãos negros, irmãs negras, jovem negro, jovens negros, juventude negra, luta do negro, lutas dos negros, mãe negra, mães negras, memória negra, menina negra, meninas negras, menino negro, meninos negros, movimento negro, movimento preto, movimentos negros, movimentos negros, mulher de cor, mulher negra, mulher preta, mulheres de cor, mulheres negras, mulheres pretas, negra, negra brasileira, negras, negrice, negritude, negritudine, negro, negro do brasil, negro no brasil, negro-brasileira, negro-brasileiras, negro-brasileiro, negro-brasileiros, negroide, negroides, negros, negros do brasil, negros e brancos, orgulho negro, origem negra, origens negras, pai negro, pais negros, personagem negra, personagem negro, pessoa negra, pessoas negras, população negra, populações negras, povo negro, povos negros, pré-conceito racial, preconceito racial, presença negra, pretidão, professor negro, professora negra, professoras negras, professores negros, profissionais negros, profissional negro, questão racial, questões raciais, raça, raças, raciais, racial, racismo, relação étnico-racial, relação racial, relações étnico-raciais, relações raciais, representação do negro, resistência negra, ser negro, situação do negro, sociedade negra, sociedades negras, temática negra.

Cada tese ou dissertação foi caracterizada por todos seus descritores por meio de uma busca textual nos registros obtidos no BTB. Dessa forma, manteve-se um mapeamento sobre exatamente quais descritores estão associados a cada trabalho. Alguns descritores são bastante genéricos e poderiam ser utilizados para caracterizar trabalhos não necessariamente correlatos com relações raciais.

Do total de 607.389 teses/dissertações somente 6.655 trabalhos continham pelo menos um dos 191 descritores. A partir da análise do conjunto de dados, surgiu a necessidade de uma verificação manual e detalhada para a retirada das produções que, apesar de utilizarem os descritores do estudo, não estavam associadas à temática cor/raça. Por exemplo, estudos na área de veterinária que tratavam de animais negros, ou de agronomia que estudavam feijões pretos. Estes equívocos são considerados “falsos positivos”. No desenrolar do trabalho manual, decidiu-se por utilizar um filtro em nossa base em que se retirassem os estudos associados as áreas de botânica, agronomia, melhoramento vegetal, fitopatologia, ciência de alimentos, zoologia, zootecnia, reprodução animal, medicina veterinária, produção animal, clínica

veterinária, nutrição animal, genética animal, produção de animais e afins.

O novo conjunto de registros totalizou, após a filtragem dos “falsos positivos”, um universo de 4.204 trabalhos, que constituiu o *corpus* final de estudo. A totalização por número de descritores é apresentada na Tabela 3.

Mena-Chalco e Rocha (2014) utilizaram procedimentos computacionais para identificar de forma automática o sexo de uma pessoa considerando apenas o nome completo do autor da tese ou dissertação de mestrado. Segundo os testes realizados, a identificação tem um grau de acurácia acima de 95% para nomes brasileiros.

Resultados da pesquisa: expansão da temática relações raciais na ciência brasileira

Os Gráficos 2(a) e 2(b) descrevem a ampliação das produções no período e a predominância da autoria feminina tanto para o nível de mestrado como para o nível de doutorado. Vale destacar que a pós-graduação tem uma maior presença de mulheres, como já descrito anteriormente. Fica evidenciado nos dois gráficos que a ampliação se concentra após 2005. A partir

Tabela 3 – Número de descritores e quantidade de teses/dissertações identificadas.

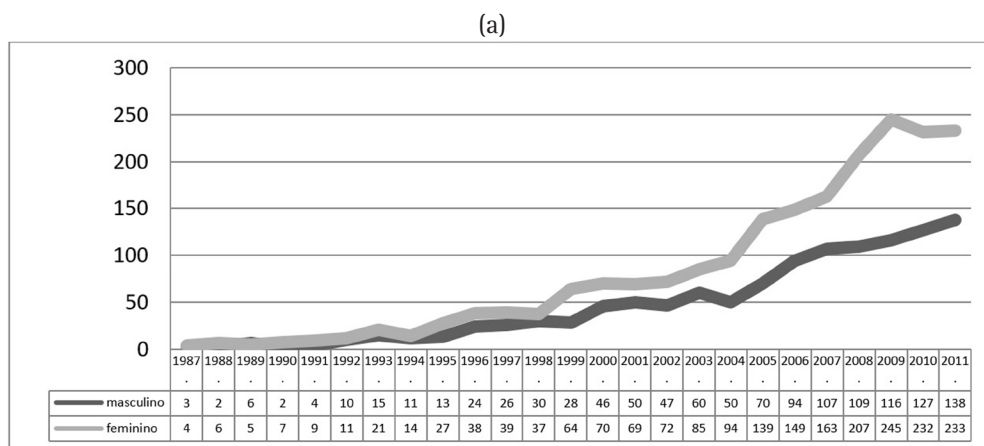
Descritores	Trabalhos identificados no BTD-Capes			
	Busca inicial		Após revisão manual	
	Quantidade	Acumulado	Quantidade	Acumulado
18	1	1	1	1
17	2	3	2	3
16	6	9	6	9
15	5	14	5	14
14	18	32	18	32
13	23	55	23	55
12	46	101	46	101
11	61	162	61	162
10	87	249	87	249
9	110	359	110	359
8	197	556	193	552
7	257	813	255	807
6	333	1.146	323	1.130
5	493	1.639	473	1.603
4	684	2.323	627	2.230
3	1.228	3.551	933	3.163
2	2.930	6.481	952	4.115
1	174	6.655	89	4204

Fonte: elaborada pelos autores.

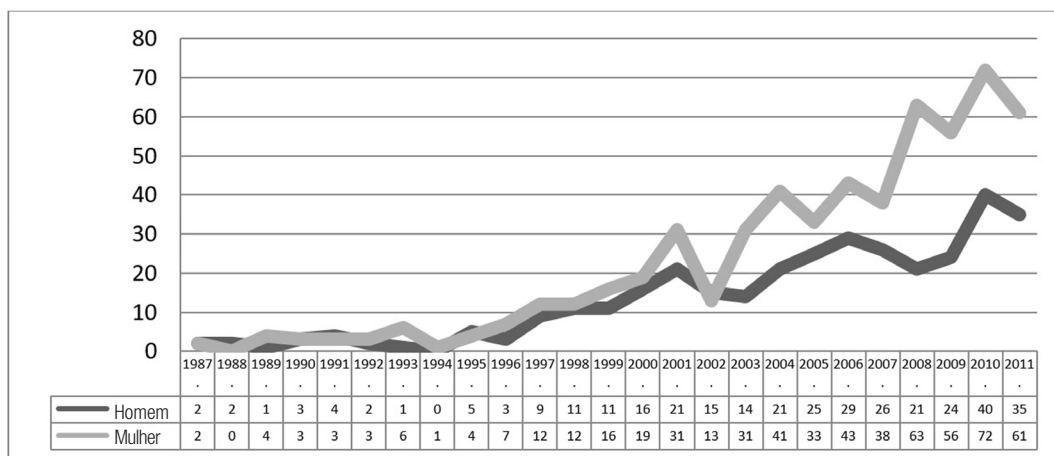
desse ano, as distâncias favoráveis às mulheres se ampliam, indicando uma maior produção feminina na temática das relações raciais, tanto no mestrado, como no doutorado. Para o mestrado

taxa a de variação no período chega a 5.725% para as mulheres e 4.500% para os homens. Esta data coincide com o início das políticas de ação afirmativa no ensino superior brasileiro.

Gráfico 2 – Temática das relações raciais por sexo (1987–2011). Produção de (a) dissertações de mestrado e (b) teses de doutorado.



(b)



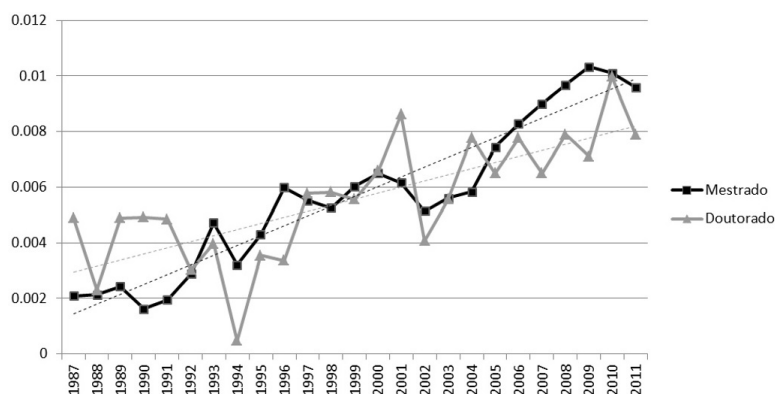
Fonte: elaborados pelos autores.

Para o doutorado (Gráfico 2b), as taxas de variação no período chegam a 2.950% para as mulheres e 1.650% para os homens. Como o número de teses é menor, observa-se uma curva mais acentuada, resultado da maior variação das defesas por ano. A comparação entre os dois gráficos deve ser feita com ressalva, pois se trabalha com escalas diferentes no eixo Y. Vale ressaltar também que as dissertações de mestrado representam 78% do total de produções registradas no BTB que constituem o *corpus* deste trabalho.

O Gráfico 3 indica uma variação de trabalhos na temática das relações raciais

acima da ampliação observada no geral da pós-graduação. Se em 1987 a participação da temática representava 0,2% do universo para o mestrado, este valor chega a 1% em 2011. Esta proporção representa a razão entre o número de trabalhos na temática e o número total de trabalhos defendidos no ano e registrados no BTB. Um comportamento semelhante é observado para os trabalhos de doutorado. Segundo a tendência diagramada por linhas retas tracejadas, pode-se evidenciar que a proporção de trabalhos de mestrado e de doutorado em relação ao conjunto de trabalhos registrados amplia-se a cada ano.

Gráfico 3 – Proporção dos trabalhos na temática de relações raciais em relação ao conjunto total de trabalhos registrados na Capes (1987-2011). As linhas de tendência estão representadas por retas tracejadas.

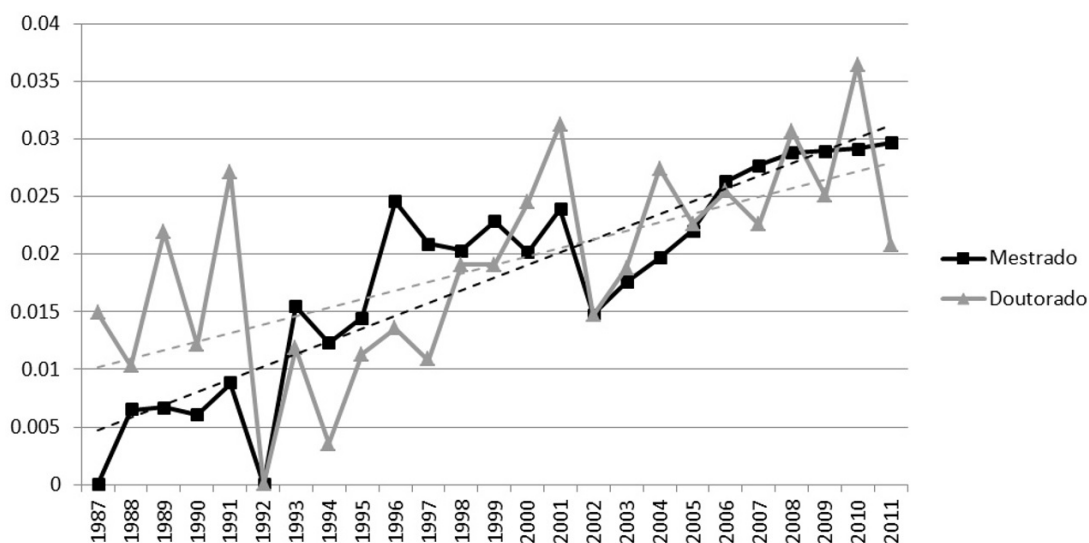


Fonte: elaborado pelos autores.

A área das ciências humanas, apresentada em separado no Gráfico 4, é a que concentra o maior número de trabalhos. Este resultado é esperado, considerando que parte da temática de pesquisa nas ciências humanas trabalha e discute as relações entre pessoas, seus grupos sociais, espaços de inserção e representação. Para esta área também é observado que a proporção dos trabalhos de mestrado e doutorado é superior à observada no geral da pós-graduação. Vale ressaltar que na coleta de dados consideraram-

se como “falsos positivos” estudos inseridos nas áreas de ciências agrárias e biológicas. Da mesma forma, a área das engenharias apresenta poucas possibilidades de intersecção com a temática das relações raciais. Outra possibilidade de estudo seria o cruzamento com a cor/raça dos autores das teses e dissertações. Esta nova e importante proposta de estudo é um projeto futuro, a ser desenvolvido assim que for disponibilizada aos pesquisadores a base de Currículos Lattes com o quesito cor/raça do pesquisador.

Gráfico 4 – Proporção dos trabalhos na temática de relações raciais, na área de ciências humanas, em relação ao conjunto total de trabalhos registrados na Capes (1987-2011). As linhas de tendência estão representadas por retas tracejadas.



Fonte: elaborado pelos autores.

Aproximadamente 30% das dissertações de mestrado na área de ciências humanas trabalharam com a temática das relações raciais a partir de 2010.

As Tabelas 4a e 4b complementam as informações anteriores e indicam as áreas de maior inserção das produções analisadas. É apresentada a distância entre os sexos a partir do Índice de Paridade de Gênero (IPG⁶) desenvolvido pela Unesco em seus relatórios de monitoramento global *Educação para todos*.

6- Índice de Paridade de Gênero (IPG): razão do valor mulher/homem de determinado indicador. Um IPG com valor 1 indica paridade entre os sexos; um IPG que varia de 0 a 1 significa uma disparidade em favor dos homens; um IPG maior do que 1 indica disparidade em favor das mulheres (UNESCO, 2004).

Tanto nas dissertações como nas teses, a *Educação* é área de maior concentração de trabalhos, independente do sexo do autor. É interessante observar a área de *Serviço Social*, em que a relação é de dez dissertações defendidas por mulheres para cada trabalho defendido por homens. Este resultado está em consonância com uma maior presença de mulheres nos cursos de graduação em serviços sociais, conforme descrito na literatura. Observa-se uma sobreposição de áreas, em oito as temáticas estão presentes tanto para o mestrado como para o doutorado, exceção de *Artes* e *Serviço Social* no mestrado que são substituídas por *Genética* e *Comunicação*, no doutorado.

Tabela 4 – Dez áreas com maior participação de trabalhos na temática de relações raciais: (a) dissertações de mestrado, (b) teses de doutorado, registradas no BTD da Capes (1987-2011).

(a)

	Mestrado	Homens		Mulheres		IPG
		N	%	N	%	
1º	Educação	207	19,6	458	25,2	2,2
2º	História	159	15,0	208	11,5	1,3
3º	Antropologia	136	12,9	192	10,6	1,4
4º	Sociologia	101	9,6	123	6,8	1,2
5º	Letras	66	6,2	118	6,5	1,8
6º	Psicologia	34	3,2	90	5,0	2,6
7º	Artes	45	4,3	74	4,1	1,6
8º	Medicina	18	1,7	59	3,3	3,3
9º	Saúde Coletiva	12	1,1	59	3,3	4,9
10º	Serviço Social	4	0,4	47	2,6	11,8
	Total dos 10 com maior participação	782	73,9	1.428	78,7	
	Total geral	1.057		1.814		1,7

(b)

	Doutorado	Homens		Mulheres		IPG
		N	%	N	%	
1º	Educação	27	9,7	98	20,3	3,6
2º	Antropologia	46	16,5	73	15,1	1,6
3º	Sociologia	33	11,8	51	10,6	1,5
4º	História	51	18,3	44	9,1	0,9
5º	Letras	15	5,4	40	8,3	2,7
6º	Saúde Coletiva	12	4,3	23	4,8	1,9
7º	Psicologia	16	5,7	21	4,3	1,3
8º	Genética	12	4,3	19	3,9	1,6
9º	Medicina	14	5,0	17	3,5	1,2
10º	Comunicação	7	2,5	14	2,9	2,0
	Total dos 10 com maior participação	233	83,5	400	82,8	
	Total geral	279		483		1,7

Fonte: elaboradas pelos autores.

Nas análises pelo IPG, nas dez áreas de maior participação da temática das relações raciais, as mulheres predominam, com exceção da área de história (no doutorado), com maior presença de homens autores (IPG 0,9).

Por fim, é apresentada na Tabela 5 a distribuição de trabalhos por região e unidades da Federação. Conforme descrito na Tabela 1, o maior número de dissertações e teses se concentra na região Sudeste, com predomínio do estado de

São Paulo, com 26,7% de dissertação e 45,6% de teses. A taxa de 23,6% de dissertações de mestrado na região Nordeste, sendo a Bahia responsável por 12,9% desse universo, pode indicar uma tendência de alteração da concentração na

região Sudeste, conforme proposto pelos PNLGs. A comparação com a coluna “participação na população” reforça o desequilíbrio nas produções das regiões Sudeste (sobre-representadas) e Norte (sub-representadas).

Tabela 5 – Distribuição de trabalhos na temática de relações raciais, por região e unidade federativa. Registrados no BTB da Capes (1987-2011).

		Participação na população	Mestrado		Doutorado	
			N	%	N	%
Norte	Amazonas		18	0,5	0	0,0
	Roraima		0	0,0	0	0,0
	Amapá		2	0,0	0	0,0
	Para		59	1,8	10	1,0
	Tocantins		0	0,0	0	0,0
	Rondônia		12	0,3	3	0,3
	Acre		0	0,0	0	0,0
	Total	8,3	91	2,8	13	1,4
Nordeste	Maranhão		50	1,5	0	0,0
	Piauí		17	0,5	0	0,0
	Ceará		43	1,3	13	1,4
	Rio Grande do Norte		23	0,7	6	0,6
	Pernambuco		112	3,4	25	2,7
	Paraíba		73	2,2	7	0,7
	Sergipe		12	0,3	2	0,2
	Alagoas		15	0,4	1	0,1
	Bahia		420	12,9	71	7,7
Total	27,8	765	23,6	125	13,6	
Centro-oeste	Mato Grosso		82	2,5	0	0,0
	Mato Grosso do Sul		34	1,0	1	0,1
	Goiás		54	1,6	3	0,3
	Distrito Federal		138	4,2	56	6,1
	Total	7,4	308	9,5	60	6,5
Sudeste	São Paulo		865	26,7	418	45,6
	Rio de Janeiro		527	16,2	167	18,2
	Espírito Santo		21	0,6	4	0,4
	Minas Gerais		201	6,2	38	4,1
	Total	42,1	1614	49,8	627	68,4
Sul	Paraná		111	3,4	5	0,5
	Rio Grande do Sul		253	7,8	70	7,6
	Santa Catarina		96	2,9	16	1,7
	Total	14,4	460	14,2	91	9,9

Fonte: elaborada pelos autores.

Novos desafios

Os resultados apresentados neste trabalho, inéditos, ao trabalhar com os registros de teses e dissertações da Capes e em uma temática específica, relações raciais em diferentes áreas do conhecimento, indicam uma ampliação de produções na pós-graduação que procuram desvendar a presença, participação e caracterização de negros em espaços sociais. O questionamento seguinte é se essa ampliação é resultado de uma maior presença dos negros no ensino superior: são negros que estão estudando sobre relações raciais, ou a temática está para além da autoclassificação dos estudantes de pós-graduação? Para tanto pretende-se, em um estudo futuro, utilizar e analisar a base de currículos Lattes e a informação relacionada ao quesito cor/raça dos estudantes de pós-graduação.

No período analisado, observa-se também uma maior participação de produções realizadas por mulheres, o que está em consonância com o encontrado na literatura. As mulheres, maioria dos cursos de pós-graduação já em 2000, ampliaram a diferença na década seguinte (Tabela 2). A interface entre sexo e cor/raça é um aspecto importante de análise, principalmente ao se considerar as áreas de interesse de inserção: mulheres e a temática

de relações raciais tem uma maior produção nas áreas de ciências humanas. A análise por áreas aprofunda o estudo indicando que é a educação que apresenta a maior concentração de produções, com, novamente, um predomínio significativo de mulheres.

Nas análises por região, apesar da ampliação de titulados nas regiões Norte e Nordeste, descritos na Tabela 1, a participação por produções nessas regiões, em especial no Norte é diminuta, considerando suas representações populacionais. A maior concentração de trabalhos de mestrado, na Bahia, por exemplo, pode indicar uma mudança de produtividade para essas regiões, consequência também da abertura de programas de pós-graduação fora do eixo Sul-Sudeste, como uma das ações propostas e implantadas pelas agências de fomento de pós-graduação realizadas nos últimos anos no país⁷.

Por fim, há muito ainda que explorar na interface: temas, autorias e relações raciais no ensino superior e em especial na pós-graduação. Uma área a ser ocupada e estudada por grupos até então sub-representados na escala mais alta de escolarização e prestígio acadêmico: os negros na pós-graduação brasileira.

7- A desconcentração geográfica da produção bibliográfica é um fenômeno atual na ciência brasileira (SIDONE; HADDAD; MENA-CHALCO, 2016).

Referências

- ARTES, Amélia Cristina Abreu. **Desigualdades de cor/raça e sexo entre pessoas que frequentam e titulados na pós-graduação brasileira**: 2000 e 2010. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2015. Relatório de pesquisa.
- ARTES, Amélia Cristina Abreu. Estudantes de pós-graduação no Brasil: distribuição por sexo e cor/raça a partir dos censos demográficos 2000 e 2010. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013, Goiânia. 36. **Reunião...** Goiânia: ANPED, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Pós-graduação (PNPG) 2005-2010**. Brasília, DF: MEC, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Pós-graduação (PNPG) 2011-2020**. Brasília, DF: MEC, 2010.
- CGEE. **Doutores 2010**: estudo da demografia da base técnico-científica brasileira. Brasília, DF, [s. n.], 2010.
- CARVALHO, Cristina Helena Almeida de. **Reforma universitária e os mecanismos de incentivo à expansão do ensino Superior privado no Brasil (1964-1984)**. 2002. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2002.
- CERQUEIRA, Rose; ROBERTO, Lázaro. Cotas na pós-graduação: uma nova universidade é possível. **Afirmativa**, v. 1, n. 1, p. 8-11, 2014. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/72887b_473579c699a843c1af7b8749b7aca683.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2016.
- CORBUCCI, Paulo Roberto. **Avanços, limites e desafios das políticas do MEC para a educação superior na década de 1990**: ensino de graduação. Brasília, DF: IPEA, 2002. Texto para discussão, n. 869.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. Quadragésimo ano do parecer CFE n. 977/65. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 7-20, dez. 2005.
- DOURADO, Luiz Fernandes. Reorganização dos sistemas público e privado da educação superior. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 11, n. 20, p. 103-117, jan./jun. 2005.
- FIGUEIREDO, Ângela; GROSFUGUEL, Ramón. Por que não Guerreiro Ramos? Novos desafios a serem enfrentados pelas universidades públicas brasileiras. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 36-41, 2007.
- MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil nos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 141-158, 1999.
- MELO, Hildete Pereira; LASTRES, Helena Maria Martins; MARQUES, Teresa Cristina Novaes. Gênero no sistema de ciências, tecnologia e inovação no Brasil. **Gênero**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 73-94, 2004.
- MENA-CHALCO, Jesús Pascual; ROCHA, Vladimir. Caracterização do banco de teses e dissertações da Capes. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE BIBLIOMETRIA E CIENTOMETRIA (EBBC), 4., 2014, Recife. 4. **Encontro...** Recife: [s. n.], 2014. p. 14-16.
- MENDONÇA, Ana Waleska. A pós-graduação como estratégia de reconstrução da Universidade Brasileira. **Educar**, Curitiba, n. 21, p. 289-308. Editora UFPR, 2003.
- MIRANDA, Claudia; AGUIAR, Francisco Lopes; DI PIERO, Maria Clara. **Bibliografia Básica sobre relações raciais e educação**. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.
- MOEHLECKE, Sabrina. Ação Afirmativa: história e debates no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 197-219, 2002.
- PAIXÃO, Marcelo (Org). Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil: 2009-2010, UERJ, 2010.
- PAIXÃO, Marcelo; ROSSETTO GIACCHERINO, Irene. Levantamento das fontes de dados estatísticos sobre a variável cor ou raça no Brasil contemporâneo: terminologias classificatórias, qualidade das bases de dados e implicações para as políticas públicas. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOSC, 35., 2011, Águas de Lindóia. 35. **Encontro...** Águas de Lindóia: [s. n.], 2011. Grupo de Trabalho

30 - Relações raciais: desigualdades, identidades e políticas públicas.

RAMOS, Milena Yumi; VELHO, Lea. Formação de doutores no Brasil e no exterior: impactos na propensão a migrar. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 933-951, out./dez. 2011.

ROSEMBERG, Fúlvia. Ação afirmativa no ensino superior brasileiro: pontos para reflexão. In: MANDARINO, Ana Cristina de Souza; GOMBERG, Estélio. (Org.). Racismos: olhares plurais. Salvador: UFBA, 2010. p. 93-127.

ROSEMBERG, Fúlvia; MADSEN, Nina. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo. In: BARSTED, Leila L; PITANGUY, Jacqueline. **O progresso das mulheres no Brasil 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília, DF: ONU Mulheres, 2011. p. 390-434.

SAITOVICH, Elisa Baggio. Visão pessoal de uma física latino-americana: pensando gênero e ciência. In: ENCONTRO NACIONAL DE NÚCLEOS E GRUPOS DE PESQUISA, 2., 2006, Brasília, DF. 2. **Encontro...** Brasília, DF: Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006. p. 20-22.

SANTOS, Alessandro de Oliveira; SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 32, n. esp., p. 166-175, 2012.

SANTOS, Ana Lúcia; AZEVEDO, Janete Maria Lins. A pós-graduação no Brasil, a pesquisa em educação e os estudos sobre a política educacional: os contornos da constituição de um campo acadêmico. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 42, p. 534-605, set./dez. 2009.

SIDONE, Otávio José Guerci; HADDAD, Eduardo Amaral; MENA-CHALCO, Jesús Pascual. Scholarly publication and collaboration in Brazil: the role of geography. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, 2016. No prelo.

SILVA, Joselina da. Mulheres negras na educação superior: performances de gênero e raça. In: SIMPÓSIO GÊNERO E INDICADORES DA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA, 2007, Brasília, DF. **Simpósio...** Brasília, DF: INEP, 2008. p. 139-152.

SILVERIO, Valter Roberto. Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 219-246, nov. 2002.

SOUZA, Katyusha Madureira Loures de. **Personalização de serviços de informação oferecidos na web: estudo do Portal de Periódicos da CAPES**, 2010, 193 f.. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2010.

VELHO, Leo. O papel da formação de pesquisadores no sistema de inovação. **Ciência e Cultura**, Campinas, v. 59, n. 4, p. 23-28, 2007.

VONBUN, Christian; MENDONÇA, João Luís de Oliveira. **Educação superior: uma comparação internacional e suas lições para o Brasil**. Brasília, DF: IPEA, 2012. Texto para discussão n. 1720, 2012.

UNESCO. **Relatório de Monitoramento Global Educação para Todos**, 2003-2004. São Paulo: Moderna, 2004.

Recebido em: 29.07.2015

Aprovado em: 12.04.2016

Amélia Artes é pesquisadora da Fundação Carlos Chagas e docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Jesús Mena-Chalco é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação da Universidade Federal do ABC.